

Umberto Eco relata seu método criativo

Por Jorge Felix

Valor, 18/05/2018

Seja pela ironia intertextual, seja pela metanarrativa, duas técnicas típicas do pós-modernismo pelas quais fez opção em quase todos os seus romances, Umberto Eco (1932-2016) sempre estabeleceu um canal direto com seus leitores.

No entanto, apesar desse diálogo franco, pouco revelou sobre seu fazer de romancista. Ele mesmo reconhece no pós-escrito de "O Nome da Rosa", sua estreia na literatura com quase 50 anos de idade, que lançava mão desses artifícios linguísticos para estabelecer uma "cumplicidade silenciosa" com o leitor, a quem sempre devotou respeito pela inteligência e boa vontade pela perseverança de chegar à última página.

Seu itinerário, depois de tornar-se o romancista tardio e bem-sucedido, foi mais interessado no leitor (escreveu "The Role of the Reader") do que desvendar-se como literato.

Em "Confissões de um Jovem Romancista", Eco surpreende por desnudar, em profundidade, embora em tom coloquial, o seu método criativo. São quatro conferências realizadas pelo autor no Programa Palestras Richard Ellmann sobre Literatura Moderna, na Universidade Emory, em Atlanta, no ano de 2008, reunidas em forma de ensaio.

A última, "Minhas Listas", é a apresentação por ele de suas "enumerações", uma mania do autor de romances cuja minúcia de detalhes, citações, informações de coisas, pessoas e lugares, quase sempre, assumem o lugar de protagonista da história. Ao visitar as listas de dezenas de escritores de todos os tempos, Eco demonstra a importância delas no processo criativo e aguça ainda mais a curiosidade de um leitor ávido por adentrar no "making of" de seus enredos ou oferece tarefa para ser cumprida por aqueles desejosos da condição de romancista.

Livros sempre foram os personagens prediletos de Umberto Eco. Boa parte de sua obra circula sobre o fazer da escrita ou a missão de editá-la. A opção pela literatura jamais foi motivo para abandonar o semiólogo pelo caminho. Depois de cinco romances, Eco voltou com frequência para o texto não ficcional, e seu último livro, "Número Zero", traz um misto desse titubear entre o imaginativo e o realismo que passou a lhe acompanhar depois de "O Nome da Rosa".

É exatamente essa falsa dicotomia entre a escrita criativa e a escrita científica, como nos faz crer, o tema de abertura do livro. Eco nos questiona: "Que tipo de escritor é o filósofo?".

Ele diz: "Nunca entendi por que Homero é considerado criativo e Platão, não". Alguns idiomas, lembra ele, até fizeram questão de estabelecer uma fronteira clara entre as duas escritas, como em francês (mas também em português), o "écrivain" e o "écrivain", sendo o primeiro o escritor (criativo) e o segundo o escrivão (documental).

Ele revela como reage às duas escritas: "Depois de publicar um texto sobre semiótica, dedico meu tempo a reconhecer que estava errado ou a demonstrar que aqueles que não o entenderam da maneira como eu pretendia o estão interpretando mal. Em contraste, depois que publico um romance, sinto em princípio um dever moral de não contestar as interpretações das pessoas (nem de validar nenhuma delas)".

"Confissões de um Jovem Romancista" surge como obrigatório para quem escreve qualquer gênero, para quem elabora um trabalho científico e, principalmente, para quem lê e, como um "leitor empírico", como define Eco, está sempre insatisfeito com um certo determinismo imaginado por quem escreveu o texto. O grande acerto desta coletânea é que pode ser atraente mesmo para quem nunca leu os romances de Eco. Esse leitor pode, sem dúvida, apenas desvendar um personagem: o romancista.

O jovem do título, explica Eco, é o fato de ele, quando fez as palestras, estar prestes a completar 77 anos, portanto, tinha apenas 28 anos como romancista. "Considero-me um romancista muito jovem e certamente promissor, espero já ter reunido experiência suficiente para dizer algumas palavras sobre a maneira como escrevo". E também o porquê de escrever romances. Treinou na oralidade, contando histórias para os filhos. Ou narrando cada ensaio crítico a ponto de ser acusado por um avaliador na banca de doutorado de "falácia narrativa" por contar a história de sua pesquisa como um romance policial.

A necessidade, porém, é o que provoca a metamorfose do escrivão em escritor. No entanto, a inspiração jamais permite ao segundo abrir mão da pesquisa técnica e árdua desempenhada pelo cientista, da habilidade para construção de diálogos, imposição de restrições e outros elementos linguísticos capazes de aumentar muito o suor no rosto do escritor. Muitos ignoram isso e apostam na metamorfose de um tipo a outro de escrita apenas por serem intelectuais. Eco sendo Eco, ele navalha: "É por isso que as gavetas de muitos professores universitários estão cheias de romances inéditos ruins".

"Confissões de um Jovem Romancista"

Umberto Eco Trad.: Clóvis Marques. Editora Record; 152 págs., R\$ 39,90